

Fragmentos de uma narrativa autobiográfica

Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino*

Sumário

Este texto corresponde à intervenção que a autora realizou na Universidade de Barcelona, em 28 de maio de 2019, aproveitando uma estadia no âmbito das atividades do GREPPS (Grupo de Pesquisa em Pensamento Pedagógico e Social). Nesta redação autobiográfica, a autora nos oferece sua história de vida que revela a carreira de professora e pesquisadora no Brasil, país em que Darcy Ribeiro lançou a Universidade de Brasília, a nova capital do país, em 1962. Além disso, a frenética evolução política do Brasil que passou da ditadura militar estabelecida em 1964 para a democracia em 1985, com a ilusão de que a chegada do Partido dos Trabalhadores com Lula da Silva no poder em 2003 significou, se reflete nessa história de vida de uma professora que combinou teoria com prática, a tradição filosófica do mundo clássico (Heráclito e o conceito temporal de *Aion*) com as contribuições da psicologia, em uma nova abordagem que constitui um verdadeiro relato de treinamento que, devido à sua força e sinceridade, destila uma vocação inequivocamente humanística, baseada no amor à raça humana.

Palavras chave

História de vida, Brasil, Universidade de Brasília, pensamento crítico, educação democrática.

Recepció original: 28 de maig de 2019

Acceptació: 25 de setembre de 2019

Publicació: 1 de juny de 2021

Caras/os colegas,

Estando em visita acadêmica à Universidade de Barcelona, recebi um convite: apresentar-me, falar sobre mim, sobre minha trajetória intelectual, acadêmica, profissional. Gentilmente, o GREPPS (Grupo de Pesquisa em Pensamento Pedagógico e Social), recebeu-me, propondo que eu fizesse uma «charla» na terça-feira, dia 28 de maio do 2019, contando minha vida acadêmica, falando sobre meu trabalho.

- Uma coisa simples, Lúcia! Às 3as feiras, temos tido convidados que fazem uma apresentação para nós. Com poucas pessoas. Somos uma família. O professor Jordi e alguns colegas, a Flávia – uma família... Fique à vontade!

O prof. Jordi Garcia Farrero tranquilizou-me:

- É algo simples. Sua autobiografia, sua vida na Universidade, suas pesquisas, produções escritas. Como você tem muita experiência, tem mais coisas (interessantes) para nos contar.

E eu lhe respondi:

(*) Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Professora Associada I da Universidade de Brasília. Possui graduação em Psicologia pela FFCL de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo (USP), especialização em Psicodrama (Inst. Psicodrama Rib. Preto), especialização em Filosofia da Psicologia e da Psicanálise - Unicamp, Mestre em Lógica e Filosofia da Ciência pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e Doutora em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pós-doutorado na Université Paris 8 e na UERJ/Proped. Atualmente é professora Associada I do Inst. de Psicologia da Universidade de Brasília. Endereço eletrônico: luciahelenaczp@gmail.com

- Será que é assim? Tenho a minha experiência para contar. Você, jovem e novo na carreira, tem a sua experiência. A minha não é maior nem menor que a sua. Não é mais rica, nem mais pobre. Nossas experiências são diferentes. A riqueza é podermos viver e narrar nossas experiências, como vivências que nos atravessam, nos tornam quem somos, como nos ensina Walter Benjamin.

Pois bem: aqui estou eu com vocês, a família na qual estou sendo acolhida. Posso dizer que este é meu batismo. Ganho um nome, um sobrenome: a professora-brasileira-Lúcia-da-UnB-em-visita-à-UB, que-estuda-e-trabalha-com-psicologia-filosofia-edcação...

De certa forma, na medida em que lhes conto minha vida, torno-as/os cúmplices de meu percurso acadêmico, convido vocês a compartilharem de minhas reflexões, ideias e práticas, a testemunharem minha alegria de pensar, minha paixão de conhecer o mundo, e minha constante frustração por não conseguir «salvar nosso mundo» das maldades, injustiças, do desamor, o que, longe de me calar, aumenta minha disponibilidade para criar novos caminhos, armar-me com meus sonhos, palavras e afetos. E, especialmente, para buscar novas e novos amigos e amigas com quem eu possa sempre começar e recomençar a lutar.

Aqui estou em busca de novas amizades. Amizades intelectuais/afetivas, estética, ética e politicamente comprometidas. Com Paulo Freire, aprendi que saber e sabor andam juntos. Que afeto e cognição são inseparáveis. Que o humano é marcado pela incompletude. Que nos tornamos humanos.

«Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que a minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o meu destino não é dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo». (Pedagogia da Autonomia).

Aqui estamos nós, pessoas em constante processo de devir, de nos tornarmos humanas, por meio de relações com as outras, conosco mesmas e com o mundo, num momento histórico, numa cultura da qual participamos, compondo uma sociedade, uma família, um grupo de estudiosas e estudiosos, amigas/os, que cultivamos o amor pelo saber.

Falar sobre mim, sobre minha vida pessoal e profissional é um exercício de me conhecer, reconhecer-me, não por meio de um recurso científico, como um Raio X, uma leitura de meu DNA, ou algo assim. Falar sobre mim requer deixar minhas lembranças fugirem do fundo da memória, desorganizando-a; é olhar o mundo descomprometidamente, como quando subo os morros que me trazem a Mundet, mirando árvores, pássaros, pessoas estranhas, meu olhar vagando e, de repente fixando-se em uma mulher caminhando com uma menina. Mãe e filha que fazem surgir (em meio à mistura de cores, o verde das folhas, o marrom dos troncos, o cinza do céu e os riscos prateados das gotas de chuva) em minha memória a cena de minha mãe levando-me à escola no primeiro dia de aula. Percorremos as ruas, ela me mostrando a casa com o muro amarelo na qual se devia virar à esquerda para se chegar ao portão marrom, onde um pequeno cachorro preto e branco latia muito enquanto alguém passava por lá. A igreja em seguida, depois um cruzamento, em que era preciso ter muita atenção ao atravessar, porque poderia aparecer um carro. E, logo depois de passarmos para o outro lado da rua, já era o portão lateral da escola. Pronto! Mamãe me entregava à professora, conferindo se eu estava com a lancheira e a

bolsa com o material escolar. Um beijo: - Boa aula, filha! Assim ela me conduziu, como também à minha irmã e ao meu irmão, ao mundo da escola, ao prazer em aprender.

Comecei minha vida acadêmica com muita alegria, curiosidade e vontade de aprender. Fui, durante toda a minha infância, uma criança que dizia «sim». Sim à escola, à família, ao conhecimento, ao afeto das pessoas para comigo e de mim para com elas. Uma menina educada, obediente, religiosa, amiga, carinhosa, e medrosa!

Minha querida irmã, mais velha, abria e facilitava meus caminhos. Introduziu-me a brincadeiras e aventuras pelo nosso bairro cheio de quintais e terrenos a serem desbravados. Muito habilidosa e dotada de refinado senso estético, gostava de desenhar e fazia roupinhas lindas para minha boneca. Frequentou, antes, a mesma escola, ainda que em outro período, apresentando-me o ambiente escolar antes de meu efetivo ingresso. Mais tarde, sociável e linda, introduziu-me ao esporte, a seu círculo de amizades e a programas de «mocinha», ainda que eu fosse 'chata', fazendo um relatório de todos os nossos passeios à minha mãe... Até hoje ela cuida de mim... E eu dela!

Com meu irmão, mais novo, aprendi a conhecer o mundo dos meninos, a cuidar dele com carinho, tentando protegê-lo dos maiores, muito mais por necessidade minha do que por demanda dele. Ele participava de nossas brincadeiras de rua, com outras crianças – meninas e meninos da vizinhança. Juntos, explorávamos as possibilidades de extrair e expressar o humor que as situações seríssimas dos adultos nos proibiam. Criamos uma linda cumplicidade que nos aproximou e foi 'crescendo' conosco. Hoje continuo cuidando dele e ele, meu irmãozinho adulto, cuida de mim!

Brincava muito com amiguinhas e até criei, com uma delas, no quintal de minha casa, um clubinho para as meninas da vizinhança, que era como uma escola de artes plásticas, música, dança e artesanato. Primeira aluna da classe, recebia prêmios, reconhecimento.

Gostava de cantar, quando pequena, com meu pai, que me ensinou canções de sua geração e com quem frequentemente fazia «apresentações» em nossa casa. Esses 'saraus me fizeram ver que eu tinha uma boa voz (que herdara de meu pai). De «cantora doméstica» passei a cantar tanto no coral da escola, como no palco, em festas comemorativas na cidade, na escola e na família. Na adolescência e juventude, cantar e tocar violão, com amigos e meu namorado, continuou a ser um prazer para mim.

A ditadura no Brasil foi instituída em 1964, ano em que completei 13 anos de idade. Nossa cidade, onde havia um Campus da Universidade de São Paulo-USP, foi palco de manifestações de estudantes e de repressão policial e os prédios públicos nos anos seguintes se encheram de cartazes de *Procura-se!* com fotos de rapazes e moças parecidos/as com os estudantes que eu via andando pela cidade. Bandidos, eles!? De início, não entendi bem o que significava a Ditadura, além de terem derrubado o presidente João Goulart e terem colocado na presidência um militar. Ganhei um prêmio de uma Liga Feminina da cidade, por uma redação que fazia o elogio ao novo governo, que fazia valer as palavras grafadas na bandeira nacional: «Ordem e Progresso». Na medida em que avançou o processo ditatorial, a escola mudou de feição, foram acrescentadas disciplinas voltadas para a Educação Moral e Cívica e nossa liberdade, especialmente a dos jovens mais velhos, universitários, foi sendo cada vez mais vigiada e reprimida.

Assim, minha adolescência trouxe consigo, além do encantamento com o processo de tornar-me mulher e com a vida afetivo-amorosa, um desnudamento da trama social,

uma exposição das injustiças e desigualdades. Tornei-me crítica, questionadora de regras e menos preocupada em corresponder às expectativas ligadas a um ideal social de jovem. Dediquei-me um bom tempo a estudar sobre religião e conversei com padres, questionando os dogmas e crenças do Catolicismo. Continuei muito interessada nos estudos, as aulas de História e Geografia, ainda que reguladas pela Ditadura, começaram a ampliar meus horizontes. Praticava esportes e frequentava aulas de francês e inglês fora da escola.

Aprendi a dizer «Não!» (como dizia a música da época – «Disparada», de Geraldo Vandré e Théo de Barros.)

No Ensino Médio, escolhi fazer o Curso Normal (matutino), de formação de professores, estudando Pedagogia, Psicologia, Sociologia, Português, Matemática, Biologia, História e Geografia; e o Curso Clássico (noturno), em que se estudavam línguas (Latim, Inglês e Francês, Português, Literatura Portuguesa e Brasileira, Filosofia, Sociologia, História e Geografia). Dessa forma, preparava-me para a docência, não só em aulas, mas em estágios que fazia em escolas da cidade; por outro lado, tive uma formação em estudos clássicos e humanidades, tornando-me uma pessoa reflexiva, crítica, amante do pensar.

A experiência do segundo grau, ou Ensino Médio, permitiu que eu compreendesse que, além de dizer «Não», eu poderia fazer escolhas e dizer «Sim» para algumas coisas e «Não» para outras. Havia a possibilidade de eu criar meus próprios atalhos, ainda que todo o sistema político-social indicasse, e algumas vezes até obrigasse as pessoas a seguirem o caminho «reto» que ele propunha.

Na época, fiz a escolha mais significativa de minha vida: encontrei meu amor, com quem vivi minha juventude, minha vida adulta, compartilhei afeto, sonhos, forma de vida, pensamentos, posturas políticas. Com quem mais tarde tive uma filha e uma vida cheia de realizações, superação de conflitos, erros e construção de recomeços.

Realizei os estudos universitários em Psicologia, no *campus* de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo e, para tal, mudei-me de cidade e comecei a morar em «repúblicas», com colegas do curso. Foi uma experiência crucial em minha vida acadêmica e pessoal. Na Universidade, encontrei colegas vindas/os de várias outras cidades do interior. A maioria morava em «repúblicas» também e tínhamos algo em comum: Tínhamos sido as/os primeiros alunas/os de nossas escolas e tínhamos conseguido passar no exame Vestibular de admissão à Universidade de São Paulo! Uma elite, senão econômica (como era meu caso), intelectual. Eu já não precisaria mais carregar o peso de ser «a melhor». Isso me permitiu tornar-me uma estudante mais leve, espontânea e autêntica. Gostava de estudar, e tinha muito prazer em conhecer a história da Psicologia, desde suas raízes filosóficas, até se configurar como ciência, em suas distintas linhas teóricas. Começava a conhecer melhor a Psicologia, nas áreas educacional, clínica e social. Os estágios práticos permitiam que nos sentíssemos «profissionais» e nos despertavam uma vontade de sermos «psicólogos/os de verdade».

Entretanto, chamava-nos a atenção o fato de quase todos os textos serem escritos ou em inglês ou em francês. Organizamo-nos no curso e um grupo (do qual eu fazia parte) traduzia os textos, mandava-os para um datilógrafo e este fazia uma matriz que, por meio do mimeógrafo, reproduzíamos o material para todas/os as/os estudantes da turma. Criamos o Centro de Estudos de Psicologia a partir desse grupo e a diretoria desse centro (do qual fui presidente) organizava o trabalho e distribuía o material. Receber quase todo

o material em inglês ou francês mostrava o que realmente estava acontecendo: o Brasil estava apenas engatinhando em Psicologia e era dependente dos estudos e pesquisas realizados na Europa e nos Estados Unidos. A Psicologia que aprendíamos dizia respeito à realidade europeia e estadunidense.

Consegui desenvolver uma visão mais profunda e abrangente da realidade do país, da universidade e da educação em geral, quando me aproximei de colegas que tinham a mesma perspectiva crítica e uma vontade de entender a situação política do país, do maio de 68 em Paris e de outras manifestações no mundo e na América Latina. Engajamo-nos em uma luta acadêmico-política. Partíamos de questões de nosso cotidiano, problematizando-as e, por meio de leituras e discussões em grupos, que formavam outros grupos, outros grupos... Com o fechamento do regime, assumimos a clandestinidade, com um comprometimento maior com os estudos, discussões e conscientização, ampliando o trabalho em grupos e aumentando o cuidado com relação à repressão. Todos envolvidos com essas questões, traçávamos nossos próximos passos, decidíamos quais outros autores lermos, e discutíamos situações que nos assombravam, como prisões, mortes de jovens que lutavam contra o regime, medidas autoritárias tomadas pelo governo militar e outras ações que destoavam de nossos desejos e sonhos em relação à volta à democracia. Tentavam destruir nossa paixão pela liberdade proposta pelo movimento *hippie*, pelo *rock*, pelas canções brasileiras que nos encantavam e inspiravam (e que ramente escapavam à censura), compostas e interpretadas por Chico Buarque, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Gal Costa, Maria Betânia, Rita Lee, Milton Nascimento, Tom Jobim, Geraldo Vandré (que compôs o considerado «hino» da resistência à ditadura, a canção intitulada «Para não dizer que não falei de flores», também conhecida como «Caminhando»: «Vem, vamos embora, que esperar não é saber! Quem sabe faz a hora, não espera acontecer!»).

Fortalecida por essa *práxis* política, ao me formar em Psicologia, mudei-me para São Paulo e fui estudar Filosofia na USP-Universidade de São Paulo. Não tinha vontade de ser psicóloga, já que, à época, esperava-se desse profissional que adaptasse às instituições e à sociedade os estudantes das escolas, os trabalhadores de fábricas e as pessoas que procurassem tratamento em clínicas ou hospitais. O aluno que tinha dificuldade de aprendizagem, o trabalhador que não se adequasse às normas da fábrica ou empresa e os «doentes mentais», eram considerados não adaptados e deveriam ser treinados a se adequarem aos modelos ideais de pessoas. Ainda que para isso fosse preciso aplicar-lhes punições, dar-lhes medicamentos fortes ou choques elétricos.

A Filosofia era (e é) para mim um espaço-tempo de pensar, problematizar, criticar, criar novas possibilidades de se pensar, viver, conviver e tornar-se humano. Foram momentos maravilhosos que vivi no curso de Filosofia, que, ao mesmo tempo, era um lugar de discussões políticas, feitas com muito cuidado, porque tínhamos colegas que eram policiais à paisana, espiões mesmo, a serviço do regime ditatorial. No Curso de Filosofia, conheci Michel Foucault, que deu uma palestra sobre sua Teoria da Sexualidade, recém criada, no Instituto de Filosofia Ciências Humanas da USP. Ao final de sua fala, fui cumprimentá-lo e lhe pedi seus rascunhos. Surpreendido com tal demanda, ele sorriu amavelmente e disse que estavam muito rabiscados e que eu não iria entender nada... De qualquer modo, conversei com ele e fiquei muito feliz! Foucault, de livro, virou gente! Quando fiz Pós-doutorado em Paris com um estudioso de Foucault, na Université Paris 8, este me contou que depois da morte de Foucault, houve um trabalho de recolha de seus textos e

registros de suas palestras para publicação e disse que certamente os estudiosos dele teriam perdido muito se eu tivesse ganhado os rascunhos do filósofo...

Durante o tempo em que fiquei em São Paulo, trabalhei numa escola chamada Mutirão, (que significa trabalho conjunto, com ajuda mútua, em benefício de todos, e com um fim comum). Cheguei à escola apresentada por um dos pais de estudantes de lá, que havia sido meu professor. «Aqui, psicóloga/o não trabalha!» – disse-me a diretora e dona da escola. «Se quiser, você pode ser professora». Eu entendia perfeitamente a posição da diretora, até porque sabia que ela era membra do Partido Comunista e muito crítica à maneira como a Psicologia tinha que se posicionar e agir durante o Regime Militar. Tornei-me professora da turma de primeiro ano.

A Escola, que atendia desde o Maternal até o Ensino Médio, localizava-se numa falchácara, próxima de São Paulo, na pequena cidade de Cotia. Na escola, não havia salas de aula, mas alguns abrigos amplos, com grandes mesas, cada uma composta de uma grande tábua retangular, colocada sobre cavaletes de madeira, com bancos. As aulas ocorriam nos abrigos quando chovia, ou quando havia crianças doentes, mas geralmente tínhamos aulas ao ar livre, em locais da chácara que escolhíamos, usando os materiais da natureza. As crianças escreviam em papéis apoiados em uma prancheta. Eu ia para a escola de ônibus, bem cedinho, com as crianças, que iam sendo recolhidas pela cidade de São Paulo. As aulas começavam às 9 horas. Todos nos reuníamos em um grande galpão onde era o restaurante, fazíamos uma grande roda, nos cumprimentávamos para o início dos estudos, tomávamos um lanche e nos dirigíamos, turma a turma, para os abrigos, onde deixávamos os materiais, combinávamos o que iríamos trabalhar e nos dirigíamos para a área externa. Na Roda de conversa, falávamos sobre o que tínhamos feito em casa à noite com as nossas famílias, se tínhamos dormido bem e até sobre nossos sonhos. Depois, combinávamos de fazer observações em espaços da chácara, desenhar, escrever os nomes de insetos ou flores, ou fazer cálculos matemáticos.

Na hora do almoço, todas as turmas iam para o restaurante para comer. A comida era bastante saudável: arroz integral, grãos, legumes cozidos, salada, frutas e água. Depois do almoço, tínhamos a «Hora Livre», em que as crianças brincavam livremente durante uma hora. Trabalhávamos nas turmas à tarde, com visitas à biblioteca, aulas de música/fotografia/pintura/desenho/escultura e capoeira, tomávamos um lanche e, às 16 horas, voltávamos para São Paulo de ônibus.

A escola era democrática. Diante de qualquer conflito entre crianças, eles pediam uma assembleia: «Vou pedir uma assembleia!» – anunciava uma delas. E gritava: «Eu quero uma assembleia, Lúcia!» Diante da demanda, eu, ou outras/os professores, interrompíamos o que estivessemos fazendo e organizávamos uma roda para a assembleia, para a criança expor seu problema e todos discutirmos e propormos uma maneira de superar o conflito, sob minha/nossa coordenação. Quando a questão dizia respeito a mais de uma turma, as envolvidas participavam da assembleia, sob a coordenação de suas/seus professores. Se envolvesse toda a escola e mães e pais, a assembleia era coordenada pela diretora e ocorria à noite ou em finais de semana.

Para mim, a escola «Mutirão» foi um lugar de aprendizagem e transformação pessoal. A Ditadura estava cada vez mais repressiva. Certa manhã, a diretora nos avisou que estava indo para São Paulo, porque seu amigo, Wladimir Herzog, jornalista e diretor da TV Cultura, havia sido morto pela Ditadura, enforcado em sua cela, depois de ter sido preso para

prestar depoimento sobre sua «atuação subversiva». O anúncio oficial afirmava que ele havia se enforcado na prisão. Mas todas/os já sabíamos que as torturas muitas vezes acabavam em morte dos prisioneiros políticos. Herzog pertencia, como nossa diretora, ao Partido Comunista.

Neste momento, senti a importância de meu trabalho na escola com as crianças, educando-as e criando com elas um modo de ver e viver a vida mais dignamente, respeitando o outro.

Aprendi a ouvir o outro. As crianças me ensinaram a pensar e a trabalhar com os outros em grupo, em mutirão! Aprendi a dizer «Sim», a partir do «Não», da crítica ao estabelecido.

Por questões pessoais, precisei interromper o curso de Filosofia e o trabalho e voltei para o interior. A perda de meu pai abalou-me emocionalmente e me fez encarar de frente a condição de finitude do humano e a fortalecer meu compromisso ético para com o outro.

Nos anos seguintes, dediquei-me à formação clínica em Psicodrama, na busca de perspectivas solidárias, críticas e criativas de estar com o outro profissionalmente. Tive, a partir daí, uma experiência muito rica e bem sucedida na área clínica, o que proporcionou-me o desenvolvimento da empatia e da humildade.

Já casada, iniciei meus estudos na Unicamp, em uma Especialização em Filosofia da Psicologia e da Psicanálise. A Ditadura chegava ao fim. Voltavam ao Brasil os intelectuais, artistas e políticos que haviam sido exilados. Estávamos exauridas/os! Na praça da Catedral da Sé, em São Paulo, reunimo-nos as forças democráticas, no movimento pelas «Diretas Já!!!», pela eleição direta para presidente da república. Entretanto, a emenda constitucional que defendia essa proposta não foi aceita e o Colégio Eleitoral do Congresso Nacional elegeu Tancredo Neves e José Sarney para presidente e vice-presidente da república, no início de 1985. O presidente eleito faleceu antes de assumir o posto e o seu vice, José Sarney, tomou posse e governou até 1990.

O nascimento de minha filha, em meio a essa transição política, me trouxe alegria, uma emoção imensa, fez nascer em mim um amor tão forte, que ressignificou toda a minha vida e me deu força e poder para viver uma vida cheia de amor e esperança. Aprendi que a vida se expande para além de mim, é o milagre que faz recomeçar a história, a força que movimenta o tornar-se humano.

Algum tempo depois, mudei-me para Brasília, cenário de todo esse teatro político e onde participei das manifestações pela criação e consolidação da Assembleia Nacional Constituinte e da Constituição Cidadã de 1988. Foi um momento de afirmação dos ideais e práticas democráticas, que assegurou a instauração de políticas públicas em prol da igualdade e da justiça social. Era a redemocratização se concretizando.

Conheci a Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo, apresentada por uma amiga. Precisavam de uma psicóloga com ideias democráticas e igualitárias. A escola atendia 130 crianças de 2 a 5 anos, em dois turnos, na Educação Infantil. Era/É uma escola sem dono, ou melhor, uma escola em que todas/os as/os mães e pais que matriculam suas/seus filhas/os tornam-se associados ou donos dela. A administração, em sistema de auto-gestão, estrutura-se em uma diretoria, eleita anualmente e composta por mães, pais, docentes e coordenadores –pedagógico e psicológico– e funcionários da secretaria

e manutenção, um Conselho Fiscal, um Conselho Pedagógico composto por pessoas das 3 instâncias e por Comissões – de limpeza e higiene, de festas, de eventos, de comunicação interna e externa, de divulgação, de memória. As pessoas associadas escolhem as comissões de que querem participar. A assembleia é a instância principal de decisões.

A Vivendo e Aprendendo foi criada como alternativa às escolas uniformizadoras e rígidas controladas pela ditadura, por um grupo de pais e mães, intelectuais, artistas, professores universitários, que comungavam um ideal democrático, pensamento livre e respeito aos direitos humanos. Em termos pedagógicos, a escola se baseia em teorias de desenvolvimento psicológico materialistas dialéticas –Vygotsky e Wallon– e privilegiam o pensar crítico, criativo, contextualizado, as práticas coletivas e o respeito à criança em sua singularidade, constituída nas relações.

A escola tem uma rotina cotidiana que alterna atividades dentro e fora das salas. Cada sala é uma casinha colorida, há um quintal entre elas, um galpão e um parque com árvores e espaço para brincadeiras.

Na roda de conversa, no início, as crianças contam suas experiências em casa, lembram-se de atividades que fizeram no dia anterior, falam sobre o clima do dia, combinam o que vão fazer a cada dia. Depois fazem desenhos, pinturas ou massinha nas mesas e saem para brincar no quintal. De volta à sala, lavam as mãos e lancham. Na mesa, é colocado um lixinho e uma cesta, para que coloquem nela o que trouxeram e não querem comer, mas podem dar para os colegas. Depois, lavam as mãos, escovam os dentes e vão ao banheiro, para irem ao parque. Aí, encontram todas as crianças da escola para brincar juntas. Depois do parque, fazem outra atividade de arte nas mesas e se sentam em círculo –na Roda de Histórias– para ouvir uma história. Então, chegam os pais para buscá-las.

Diante de conflitos e agressões entre as crianças, a/o professor faz uma mediação, dizendo: «Eu não gostei!» e diz à criança que se queixa: «Diga para ele/ela que não gostou!». Em seguida, faz uma proposta para a superação do conflito. Assim, os bem pequenos aprendem a dizer «Não dotei!», do seu jeito e a aceitar a mediação do/a educador/a. Explica-se às crianças que seus pais participam de assembleias e fazem combinados do que gostam e do que não gostam. E que na Vivendo todos fazem combinados.

As famílias se reúnem nos finais de semana na escola para tomarem Café da Manhã, fazerem Mutirão de Pintura ou de confecção de Brinquedos, ou o Chá de Livros, ou a Festa Junina. Semestralmente são realizadas festas noturnas, organizadas por toda a comunidade escolar, para arrecadarem recursos financeiros para pagarem Cursos de Formação para os professores.

Na Vivendo e Aprendendo, tive o maior aprendizado de minha vida. Um aprendizado vivenciado, que me ensinou a «pensar e fazer com», a viver na condição de resistência, como Foucault nos mostra, transformar o trabalho em uma forma de vida, em uma arte, em uma estilística de si e do outro.

A entrada na Universidade de Brasília, primeiro na Filosofia e depois na Psicologia, foi um convite a consolidar a maneira de viver e conviver que eu aprendera antes dela. No início, fiz uma única publicação: o livro infantil «Vovó já foi criança».

O encontro com o grupo do Projeto de Extensão Filoesco –Filosofia na escola– e a ADUnB-SS, Associação dos docentes da UnB–Seção Sindical do Sindicato Nacional –ANDES– foram as oportunidades que me foram apresentadas dentro da UnB. Assumi o cargo de segunda tesoureira na diretoria da ADUnB, nosso sindicato e, durante 2 anos, conduzimos as ações políticas da Universidade. Foi uma forma politicamente consciente de conhecer a UnB, como uma das Universidades Federais do Brasil. Comecei a conhecer a estrutura e o funcionamento administrativo, acadêmico e político na UnB e seu posicionamento no conjunto das IFES junto ao governo federal. Reconheci a Universidade como uma instituição democrática e pude me introduzir nela e ir me tornando professora universitária e funcionária pública federal.

Fui convidada a fazer parte do grupo de coordenação do projeto de Extensão Filoesco, da Faculdade de Educação, pelo prof. Dr. Walter Kohan, seu coordenador geral. O Objetivo do projeto era promover a Filosofia com crianças nas escolas públicas do Distrito Federal. Com professores/es coordenadoras/es da Faculdade de Educação, do Departamento de Filosofia e do Instituto de Psicologia (representado por mim), e estudantes/mediadores dessas e de outras áreas, conforme demonstrassem interesse, atuávamos junto às escolas de Ensino Infantil, Fundamental e Médio. Oferecíamos, na UnB, um curso teórico-prático de formação de professores em Filosofia *com Crianças* e nossos mediadores preparavam e ministravam aulas práticas com os docentes, sob nossa supervisão na Universidade.

Filoesco era baseado no Programa de Filosofia para Crianças, de Matthew Lipman, com adaptações: não usávamos as novelas filosóficas propostas por Lipman e não seguíamos, como no programa americano, um manual de treinamento. A formação que oferecíamos aos docentes era vivencial e utilizávamos textos, histórias, filmes e músicas, peças de teatro de nossa cultura, da literatura infantil e do folclore brasileiros.

A oficina consistia de 6 momentos: 1) apresentação dos participantes, sentados em roda; 2) aquecimento, ainda em roda, em que se apresentava um tema ou este surgia em conversa, coordenada pelo professor e o mediador, 3) divisão dos participantes em pequenos grupos, com a instrução de fazerem 2 perguntas, inspirados em figuras, palavras ou trechos de música, relacionados com o tema da conversa feita anteriormente; 4) de volta à roda grande inicial, os grupos eram chamados a fazer a socialização das perguntas que haviam elaborado; 5) Fazia-se a escolha de uma pergunta e se seguia a sua discussão; 6) Cada participante fazia uma avaliação da oficina e uma auto-avaliação, falando sobre o que tinha achado da experiência e como estava se sentindo. Nessa fase, os coordenadores e mediadores também se manifestavam, sem apresentarem conclusões.

A oficina de filosofia com crianças desenvolvia nos estudantes a escuta do outro, a satisfação de ser ouvido e ter suas ideias respeitadas e, com o tempo, iam articulando suas falas, concordando ou discordando do outro, seus colegas ou mesmo professores.

Foi uma experiência riquíssima para minhas/meus estudantes e para mim, e, especialmente para as/os professoras/es e crianças das escolas públicas da cidade de Brasília e de todo o Distrito Federal. Tivemos depoimentos de professores, pais e diretores de que essa prática de filosofar com as crianças as estava tornando mais conscientes, críticas, criativas e autônomas.

O projeto durou 9 anos e atendeu um grande número de estudantes e professores. Para a formação dos meus estudantes de psicologia do desenvolvimento e escolar, foi

uma rara oportunidade de conviver com alunos, crianças, escolas e professores, além de colocá-las/os, eles/eles próprias em contato com a filosofia e o exercício de pensar com o outro.

Fiquei durante 4 anos dedicada ao meu Doutorado, na Unicamp, que defendi em 2005.

Em 2006, comecei a me questionar sobre como se dariam esses encontros para filosofar se fossem realizados fora da escola, já que essa instituição geralmente se presta a homogeneizar os modos de pensar, viver e conviver.

Criei, então, o Projeto de Extensão Espaço de reflexão, prática e divulgação em Filosofia, Artes e Humanidades: Espaço *Aión*. O nome *Aión* refere-se a um tipo de temporalidade para os gregos. Estes concebiam o tempo como *Chrónos* – o tempo mensurável, marcado pelo relógio; *Kairós* – o tempo oportuno para determinada ação ou evento; e *Aión* – o tempo da eternidade, da intensidade, não mensurável, ou, como Heráclito o define no Fragmento 52: «*Aión* é o tempo da criança criando, reinado de criança».

O projeto Espaço *Aión* inspirou-se no *Filoesco* e usa a mesma metodologia deste. Sua especificidade, entretanto, é o fato de se realizar fora da escola e poder acolher em suas oficinas participantes de diferentes idades e gêneros.

Tivemos experiências do Espaço *Aión* em uma cidade Satélite ou região administrativa do Distrito Federal, em uma Biblioteca Comunitária, com homens, mulheres, crianças e jovens, estudantes e profissionais. Realmente, as oficinas trabalharam com temas mais diversificados e houve mais ocorrência de dissensos. A avaliação dos participantes ressaltou a importância de se ter um espaço em que todas as pessoas podem ser ouvidas e em que não haja respostas certas ou erradas.

Na Universidade de Brasília, temos nos reunido no Espaço *Aión* semanalmente com alunos da Psicologia e de outros cursos. As/os estudantes consideram *Aion* um lugar de acolhimento das diferenças, de pensamentos políticos não homogeneizantes. A partir da experiência no *Aion*, ficam mais críticos aos ensinamentos nas aulas de Psicologia, quando os professores se mostram fechados a teorias diferentes da que adotam. Buscam usar o pensar aiônico, aberto e criativo, para construir suas próprias maneiras de compreender e viver a experiência do tornar-se humano. O professor Jordi Garcia Farrero já nos inspirou com o exercício do caminhar nas oficinas do Espaço *Aión*¹.

Tenho usado a metodologia do Espaço *Aión* em pesquisas de Mestrado e de Doutorado. Em minha prática cotidiana como professora na UnB, tenho aberto a minhas/meus estudantes um espaço de reflexão antes de iniciar um curso, propondo que eles exponham o que pensam sobre o tema a ser estudado tanto individualmente por escrito, depois, como no Espaço *Aión*, fazendo perguntas em pequenos grupos, e depois socializando as perguntas e as discutindo na turma toda. Isso proporciona que eles reflitam sobre o tema, introduzam-se no assunto da disciplina e se conheçam como colegas e a mim como professora.

(1) O professor da Universitat de Barcelona fez várias estadias académicas à Universidade de Brasília durante os últimos anos, na qual proferiu diferentes palestras sobre a pedagogia da caminhar e um minicurso sobre a obra *Infância em Berlim por Volta de 1900* do filósofo Walter Benjamin.

Seguindo Paulo Freire, não apresento a eles ideias e concepções (o que o autor chama de Educação Bancária, em que o professor deposita o conhecimento no aluno) mas torno-me mediadora de pesquisas e exercícios que eles façam sobre o assunto, para construirmos juntos um conhecimento significativo e contextualizado, praticando a educação emancipadora, proposta pelo autor.

Durante três anos assumi a direção da Editora Universidade de Brasília, o que enriqueceu minha relação com a academia e com o mundo da produção de obras acadêmicas, nas diversas universidades, especialmente as Federais. Isso ressignificou meu lugar na Universidade.

Sofri duas grandes perdas pessoais nesse período: a de minha mãe (que faleceu depois de uma vida longa, amorosa e linda) e a de meu amor, companheiro de vida, pai de minha filha, que nos deixou precocemente. Minha filha e eu apoiamo-nos mutuamente, e cada uma de nós buscamos, em nossas relações familiares e de amizade, e em nossos próprios trabalhos, formas de lidarmos com a falta dele e de tentarmos superar a dor. Aprendi que nossos amores não morrem nunca. Vivem conosco, num tempo Aiônico. E que o «Não» e o «Sim» não são, necessariamente, excludentes.

Entretanto, a experiência que fez com que eu me sentisse em conexão amorosa com o mundo e a história humana foi a de estar presente no momento do nascimento de minha neta! Quando sua cabecinha despontou na hora do parto, tive a sensação de ser participante daquele processo: nascendo de minha mãe, dando à luz minha filha, que, naquele instante, fazia nascer sua filha. Era como se uma boneca russa se abrisse: minha mãe fez-me nascer portando em mim o óvulo do qual seria gerada minha filha, que carregou o óvulo que geraria minha neta... bisavó, avó, mãe, filha, neta... O choro de minha neta trouxe-me de volta ao mundo, o qual, agora, ela já começava a habitar, no colo de minha filha, sua mãe, que a amamentava. Estávamos vivenciando/(re)criando o processo histórico: o passado, o presente e o futuro no aqui-e-agora, em *Aión*. Uma experiência sublime, que se concretiza em nossos encontros, quando minha neta e eu brincamos juntas.

A partir de reflexões nos meus vários campos de estudo, ensino de graduação e pós graduação na Psicologia, em pesquisa, extensão e práxis educativa, tento construir uma Psicologia crítica, reflexiva, contextualizada em nossa realidade brasileira e latino-americana, levando em consideração minhas experiências de vida, como aluna, profissional nas diversas áreas da psicologia, como professora em Cursos de Licenciatura e professora e pesquisadora no programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania, na área de em Educação em e para os Direitos Humanos e a cidadania. Na Psicologia, criei, para abrigar as ideias e práticas críticas que algumas colegas e eu desenvolvemos, um espaço para estudos e encontros de pesquisa e extensão: o Laboratório de Psicologia no Espaço Público e suas interdisciplinaridades –LABPep– *Ágora Psyché*.

A vida política no Brasil, de 2013 até hoje, tem sido carregada de eventos e personagens que vêm remexendo nosso cotidiano e nosso imaginário. Em 2002, elegemos um operário, líder sindical, do Partido dos Trabalhadores–PT, Luís Inácio Lula da Silva, para a Presidência da República. Seu governo de dois mandatos (2003-2006; 2007-2010) revolucionou a vida do país, fazendo-nos resgatar a justiça social, a luta por direitos e a participação política, tirando da miséria uma legião de brasileiros e criando políticas públicas que abriram a Universidade para a entrada e a permanência dos mais pobres, dos negros,

dos indígenas, do público LGBTI. Em 2010, elegemos uma mulher, ex-guerrilheira no período da Ditadura, também do PT, como presidenta do Brasil, Dilma Rousseff (2011-2014). Em seu discurso de posse, ela se dirigiu às mães brasileiras: «...agora, suas filhas vão poder desejar ser presidentas do Brasil». Seu governo continuou implementando e aperfeiçoando as políticas públicas iniciadas por Lula. A educação, a saúde, a política voltada para a diversidade marcaram seu compromisso com o país. Conseguiu ser reeleita para um segundo mandato em 2014, mas sofreu um *impeachment* em 31 de agosto de 2016, encabeçado pelas forças políticas opositoras, que a acusaram de problemas na política econômica, sendo substituída por seu vice, Michel Temer, atrelado a um grupo contrário à presidente afastada.

Durante o governo Temer, as forças de direita se reorganizaram, implementaram um processo de «caça a corruptos», que desembocou na prisão de Lula (abril de 2018), acusado de corrupção (até hoje não comprovada), impedindo-o de disputar as eleições presidenciais de 2018. Isso abriu espaço para a eleição de um presidente ex-militar reformado, deputado por sete mandatos, que assumiu o país implementando uma política de direita, com um governo aliado aos militares, liberal na economia, assumindo uma rígida postura moral e religiosa, descontinuando políticas públicas voltadas para os direitos humanos e a diversidade, a busca de igualdade e a justiça social, colocando-se contra a democracia na educação.

Vivendo, no momento, esse retrocesso em relação às conquistas sociais e políticas em nosso país, temos visto, indignadas, uma tentativa brutal de destruição de nosso trabalho como educadoras.

Entretanto, contamos com nosso educador, mestre Paulo Freire, morto em 1997, que nos alimenta, até hoje, com suas ideias, sua *práxis* política e educacional, denunciando posturas, políticas e injustiças e anunciando-nos maneiras de resistirmos a propostas de negação da autonomia, da liberdade e dos sonhos que vimos construindo.

Nosso esforço, diante do panorama da política atual brasileira, tem sido o de resgatar a Universidade proposta e criada por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, fortalecendo-nos mutuamente, para, com nossos estudantes, criarmos um processo de educação como resistência crítica e criativa, lembrando-nos de como nos fortalecemos e enfrentamos a ditadura e buscando novas formas de viver e pensar que nos sustentem nessa luta cotidiana por uma educação emancipadora e por um país mais justo e democrático².

Como educadora na Universidade, esse meu caminho pessoal-acadêmico-profissional-político, evidencia-se nas orientações de Mestrado e Doutorado, em minhas aulas, pesquisas e nas minhas publicações. Quando entro em sala de aula, faço pesquisa, escrevo textos acadêmicos ou faço palestras, como agora, levo em mim a filha, a aluna criança, a adolescente, a jovem, a esposa, a mãe, a avó a estudante de Psicologia e Filosofia, a ativista política, a psicodramatista, a professora do Mutirão, a psicóloga da Vivendo e Apendendo, a coordenadora do Filoesco, a criadora e coordenadora do Espaço *Aión* e do Laboratório Ágora Psyché, a Diretora da Editora UnB, a professora, a gestora, a pesquisadora e orientadora de Mestrado e Doutorado, que adora caminhar pelos corredores e os

(2) Em relação a Anísio Teixeira, você pode ver o artigo do Denise Tosta Santos, «Anísio Teixeira i l'educació democràtica al Brasil». *Temps d'Educació*, núm. 34, 2008, p. 223-240.

jardins da Universidade com as/os estudantes, olhando tudo como se fosse pela primeira vez, explorando sua condição de infância.

Hoje, vejo a possibilidade de dizer «Sim» ou «Não», mas, especialmente, de decidir «se quero dizer Sim ou Não». Gosto de perguntar, de perguntar-me, de pensar, de sentir, de buscar, e de explorar as possibilidades de criação de mim do mundo.

Fragments d'una narrativa autobiogràfica

Resum: Aquest text correspon a la intervenció que l'autora va realitzar a la Universitat de Barcelona, el 28 de maig de 2019, aprofitant una estada en el marc de les activitats del GREPPS (Grup de Recerca en Pensament Pedagògic i Social). En aquest escrit autobiogràfic, l'autora ens ofereix la seva història de vida que posa al descobert la trajectòria d'una professora i investigadora en Brasil, un país en què Darcy Ribero va posar en marxa el 1962 la Universitat de Brasília, nova capital de país. A més, l'agitada evolució política de Brasil que va passar de la dictadura militar instaurada el 1964 a la democràcia el 1985, amb la il·lusió que va significar l'arribada al poder del Partit dels Treballadors amb Lula da Silva el 2003, es reflecteix en aquesta història de vida d'una professora que ha combinat la teoria amb la pràctica, la tradició filosòfica del món clàssic (Heràclit i el concepte temporal de *Aion*) amb les aportacions de la psicologia, en un plantejament innovador que constitueix un veritable relat de formació que, per la seva força i sinceritat, destil·la una vocació inequívocament humanista basada en l'amor al gènere humà.

Paraules clau: Història de vida, Brasil, Universitat de Brasília, pensament crític, educació democràtica.

Fragments d'un récit autobiographique

Résumé: Ce texte correspond à l'intervention que l'auteure a réalisée à l'Université de Barcelona le 28 mai 2019, profitant d'un séjour dans le cadre des activités du GREPPS (groupe de recherche en matière de pensée pédagogique et sociale). Dans cet écrit autobiographique, l'auteure nous présente son histoire de vie qui met à jour le parcours d'une professeure et chercheuse au Brésil, un pays dans lequel, en 1962, Darcy Ribero mettait en œuvre l'Université de Brasilia, la nouvelle capitale du pays. En outre, l'évolution politique agitée du Brésil, qui était passé de la dictature militaire instaurée en 1964 à la démocratie en 1985, et qui fondait ses espoirs dans l'arrivée au pouvoir du Parti des travailleurs avec Lula da Silva en 2003, se reflète dans cette histoire de vie d'une enseignante qui a combiné la théorie avec la pratique, la tradition philosophique du monde classique (Héraclite et le concept temporel d'*Aion*) avec les contributions de la psychologie, dans une approche innovante qui constitue un véritable récit de formation distillant, par sa force et sa sincérité, une vocation inéluctablement humaniste fondée sur l'amour du genre humain.

Mots-clés: Histoire de vie, Brésil, Université de Brasilia, pensée critique, éducation démocratique

Fragments of an autobiographical narrative

Abstract: This text describes the intervention the author made at the University of Barcelona on 28 May, 2019, as part of a research stay in the activities of GREPPS (Research Group in Pedagogical and Social Thought). In this autobiographical writing, the author offers us their life story. It is a story about the professional career of a professor and researcher in Brazil, a country in which Darcy Ribero launched the University of Brasília, the country's new capital, in 1962. The backdrop is Brazil's hectic political evolution, as it went from the military dictatorship established in 1964 to democracy in 1985, then the new hope with the arrival of the Workers Party with Lula da Silva in power in 2003. This is reflected in this life story of a teacher who has combined theory with practice, the philosophical tradition of the classical world (Heraclitus and the temporal concept of *Aion*) with the contributions of psychology, in a novel approach that constitutes a truly educational account and, due to its strength and sincerity, exudes an unequivocally humanistic vocation based on love for the human race.

Keywords: Life history, Brazil, University of Brasilia, critical thinking, democratic education.